

MARIA DO INGÁ: A CONSTRUÇÃO DO MITO FUNDADOR DE MARINGÁ

Selson Garutti*
Ana Barbosa de Souza**

RESUMO: Os estudos sobre cultura popular, tradições, costumes, crenças, várias formas de artes, entre outras, permitem compreender a formação de um povo, sua história, suas raízes, o comportamento dele e sua identidade. No entanto, para compreender esse universo, é necessário resgatar o passado a que, na maioria das vezes, muitos não dão a devida importância. Tratam, muitas vezes, com menosprezo ou simplesmente acreditam que o que importa mesmo é o futuro e, conseqüentemente, esse desprezo para com fatos memoriais faz com que não se reconheça a identidade de um povo. A história da origem do nome da cidade de Maringá é um exemplo disso. Muitos maringaenses natos não conhecem a história da origem do nome da cidade onde nasceram. No entanto existem muitas versões, seja na visão dos pioneiros, autores, historiadores ou pessoas comuns. Esse desencontro acontece porque tudo se origina de uma lenda paraibana em que uma jovem cabocla muito bonita, “Maria do Ingá”, retirante da seca do Nordeste, deixou, saudosos, um caboclo apaixonado. Mais tarde a lenda foi contada nos versos da canção “Maringá”, do compositor e médico mineiro, Joubert de Carvalho. A partir do referencial teórico de Brandão (2006), o objetivo deste trabalho foi investigar essa lenda como objeto folkcomunicativo, ou seja, em nível popular, e como ela faz parte da história da cidade como memória no imaginário do maringaense.

PALAVRAS-CHAVE: Folclore; Folkcomunicação; Lenda Maria do Ingá.

MARIA DO INGÁ: THE CONSTRUCTION OF THE FOUNDING MYTH OF MARINGÁ

ABSTRACT: Studies on popular culture, traditions, customs, beliefs and several art forms are necessary to understand the formation of a people, its history, roots, behavior and identity. The past, which is frequently discarded, should be recovered. People often give slight importance to the past and greatly emphasize the future, with

* Doutor em Educação pela Universidade de Ponta Grossa (UEPG). Professor de filosofia do Estado do Paraná pela SEED (PR), Brasil. E-mail: selsongarutti@hotmail.com

** Discente do curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil

the consequent disregard to historical facts and people's identity. The history of the name given to the city of Maringá, Brazil, is an example of this fact since many people born in the city do not know the origin of the name that formed their birthplace. On the other hand, there are several versions of the legend, distributed by pioneers, authors, historians and common citizens. The lack of agreement originates due to a legend from the state of Paraíba, Brazil, in which it is narrated that the beautiful damsel, Maria do Ingá, an emigrant from the drought-afflicted Brazilian northeastern region caused great homesickness to a love-sick farmer. The legend was sung in the song "Maringá", by the composer and physician Joubert de Carvalho, hailing from the state of Minas Gerais, Brazil. Based on the theory by Brandão (2006), current paper investigates the legend as a folk-communication object at popular level and its genesis as part of the history of the city as a memory of the imaginary of the people of Maringá.

KEY WORDS: Folklore; Folk-communication; Maria do Ingá legend.

INTRODUÇÃO

Os estudos que abordam temas da cultura popular, folclore e folkcomunicação estão cada vez mais em evidência nos debates de comunicação social, porque permitem ultrapassar as fronteiras de observação jornalística e mergulhar em universos onde são, muitas vezes, tratados como marginalizados. No entanto assuntos dessa natureza revelam os costumes, tradições, educação, religião, valores e, principalmente, a identidade de um povo que marcarão a trajetória em sociedade deste. A riqueza cultural que essas características proporcionam varia de região para região, e cada povo tem a sua. Dessa forma, a personalidade de cada indivíduo é moldada pela cultura local presente, por meio dos costumes, lendas, festas populares, músicas, comidas, crendices próprias, entre outros.

O presente texto trata, especificamente, sobre a lenda paraibana Maria do Ingá, a qual se tornou a base de uma música de bastante sucesso, do compositor e médico mineiro, Joubert de Carvalho, "Maringá", entre as décadas de 1930 e 1940. Mais tarde, o título dessa música virou também o nome da cidade de Maringá. No entanto se faz necessário clarificar que a música de Joubert de Carvalho, baseada na lenda paraibana, não foi composta para dar nome à cidade. Esta lenda foi usada como

artifício tanto da parte do compositor, como da parte da Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, que se utilizaram desse objeto folclórico para atender a seus próprios interesses.

Esse tema foi escolhido porque, além de ainda não ter sido estudado no mesmo ponto de vista que esta pesquisa propõe, que é entender o que é e como se constitui uma lenda na perspectiva da folkcomunicação, é um assunto que poucos maringaenses conhecem de fato. A cidade de Maringá foi fundada oficialmente no dia 10 de maio de 1947, tem 64 anos. Esta é uma idade considerada jovem, se for comparada com outras cidades que têm quase a mesma idade do no Brasil, isto é, cidades centenárias. Talvez isso influencie o pouco conhecimento da comunidade maringaense sobre a história da sua cidade.

Existem poucos documentos ou livros que narram a origem do nome de Maringá. O que se encontra bastante são bibliografias que contam sobre o desbravamento da cidade, a chegada dos pioneiros, a economia do café, entre outros assuntos. No entanto existe uma carência significativa de materiais que revelem a origem do nome da cidade de Maringá.

Isso acontece porque a base do nome da cidade é uma lenda, da cabocla paraibana Maria do Ingá, retirante da seca nordestina que deixou em sua terra um caboclo apaixonado. E lendas são frutos do imaginário das pessoas, que passam de pessoa para pessoa, de geração em geração. E essa característica da oralidade coletiva, de acordo com Benjamin (2010), faz com que ocorram aumentos, deformações, interpretações e reinterpretações.

Nesse contexto, a questão que norteia esta pesquisa é como a lenda Maria do Ingá faz parte da história da cidade como memória no imaginário do maringaense. Essa abordagem é fundamental para se compreender os principais aspectos da lenda Maria do Ingá, que é o objeto desta pesquisa (TRIVIÑOS, 1995).

2 SOBRE A ORIGEM DO NOME DA CIDADE

A história da origem do nome da cidade de Maringá é um tanto curiosa e se diferencia bastante do comum. Geralmente, os nomes das cidades brasileiras

se derivam de denominações indígenas, santos católicos, nome do fundador, entre outros. No caso da cidade de Maringá, existem algumas versões sobre a origem do seu nome. A versão mais popular, segundo Hilário (1997), dá conta de que a origem do nome “Maringá” vem de uma lenda paraibana, da cabocla Maria do Ingá, uma moça muito bonita, retirante da seca nordestina que deixou, saudoso, um jovem apaixonado e despertava muitas paixões por onde passava. De acordo com Sanches (2002), mais tarde a lenda foi inspiração para a música “Maringá”, que fez bastante sucesso a partir do ano de 1932, do médico e compositor mineiro, Joubert de Carvalho.

No entanto existem pelo menos mais outras duas possibilidades sobre a origem do nome de Maringá. Uma delas, de acordo com algumas pessoas da comunidade maringaense que não estão envolvidas diretamente com esta pesquisa, parte dos pioneiros denominados “colonizadores”, aqueles mais antigos que chegaram por aqui no final da década de 1930. Dão conta estes que, antes de a cidade ser registrada com esse nome, já havia o ribeirão Maringá, o qual é anterior à fundação da cidade.

Outra versão sobre a origem do nome de Maringá, segundo Luz (1997), é quando a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná estabelece um ponto no mapa, criado por ela em 1938, com o nome “Maringá”. De acordo com a autora, é nessa época que a companhia começa as primeiras vendas de porções de terras na região onde está hoje a cidade de Maringá.

Apurar a história exata da origem do nome da cidade é difícil porque existem poucos documentos ou livros que contam isso. As versões contadas se veiculam na maioria por meio da oralidade. A letra da música de Joubert de Carvalho, “Maringá”, é considerada o documento oficial sobre isso e mais alguns livros de pioneiros da cidade.

As versões que se baseiam na lenda paraibana da cabocla Maria do Ingá também se diferenciam uma da outra, mas a maioria testifica que o nome veio da lenda de uma moça muito bonita. Isso caracteriza a história como objeto folclórico, pois, no que se refere às lendas, não se pode afirmar a origem e a veracidade. De acordo com Cascudo (1978), a lenda é objeto do folclore, uma narrativa popular, fruto da imaginação de quem a criou e que passa de geração para geração, e o

povo, por meio de suas lendas, conta a sua história. O autor afirma que o folclore se afasta da contemporaneidade; falta-lhe tempo, ou seja, vem sendo contado ou vivido através dos tempos. Para Brandão (2006), o folclore é sempre uma fala, é uma linguagem que o uso torna coletiva, não existe autor porque é uma construção social. Todas essas características cabem na definição do que é uma lenda.

A data oficial de fundação da cidade de Maringá é o dia 10 de maio de 1947, mas essa idade comemorativa partiu da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná que loteou várias cidades da região norte do Estado. De acordo com Luz (1997), começaram as vendas de lotes que correspondem hoje ao que é Maringá, no ano de 1938. O nome da cidade foi escolhido em 1941 e somente seis anos depois, em 1947, é que a companhia fundou oficialmente a nova cidade.

Reza a lenda, segundo Arruda; Bertola (1998), Guercio (1972), Hilário (1995, 1997) e Sanches (2002), que o nome da cidade foi inspirado em uma lenda nordestina na qual havia uma cabocla paraibana, retirante da seca, mas dotada de muita beleza, que era natural de uma região no agreste paraibano e despertava muitas paixões por onde passava. Ela era conhecida por Maria do Ingá, que vinha da sua cidade natal.

De acordo com Cardoso, a lenda conta que,

Após uma seca que antecedeu a de 1877-79, provavelmente a de 1848, a formosa cabocla migrou para a cidade de Pombal, situada além do planalto da Borborema, na confluência dos rios Piranhas e Piancó. A beleza da jovem despertou paixões desenfreadas em um caboclo, do qual a tradição oral não ousou declinar o nome para que a bela Maria do Ingá protagonizasse carinhosamente a mais comovente estória sertaneja. Na malfadada seca de 1877, ela toma novos caminhos pelas veredas do sertão e procura novas paragens a fim de continuar o desfile de sua beleza através das trilhas adustas das caatingas ressequidas, mas felizes por poderem contemplar o semblante magistral da cabocla (CARDOSO, 2015).

O médico mineiro, Joubert de Carvalho, foi o grande responsável por tornar a lenda Maria do Ingá conhecida nacionalmente, quando, no ano de 1931, escreveu a música “Maringá”. O compositor tornou possível transformar uma cidade em canção (Ingá – PB) para uma canção em cidade (Maringá - PR). Esse trocadilho faz sentido porque é comum cidades emprestarem seus nomes a canções. No entanto um pouco

mais complicado é uma canção inspirar o nome de uma cidade (TERCEIRO NETO, 2012).

Em artigo editado por Fregadolli na revista *Tradição* (1989, p. 10), consta que, certo dia, Joubert de Carvalho se encontrou com o secretário de José Américo de Almeida, ministro da Viação e Obras Públicas do governo provisório de Getúlio Vargas (1930 - 1934), Jaime Távora, que o convidou para ir à casa de uma amiga, pois lá estariam o ministro e alguns amigos, fazendo-o entender que José Almeida gostaria de conhecê-lo, pois gostava das suas músicas, quando, na época, já fazia muito sucesso. Joubert de Carvalho não aceitou o convite, dizendo, em tom de brincadeira, que, se o ministro gostava tanto assim da sua música, que fosse ele mesmo à sua casa. Naquela mesma noite Jaime Távora surpreendeu Joubert de Carvalho com um telefonema perguntando se o ministro poderia ir à sua casa. E o ministro foi mesmo, levando consigo alguns amigos, entre eles, o seu oficial de gabinete, Rui Carneiro.

A revista *Tradição* (FREGADOLLI, 1989) relata ainda que Joubert de Carvalho tornou-se frequentador do gabinete de José Almeida e isso fez com que tivesse vontade de conquistar um emprego como médico no Instituto dos Marítimos. No entanto estava inseguro e comentou com Rui Carneiro que lhe sugeriu fazer uma música falando da seca no Nordeste, terra do Ministro, que era da Paraíba. Joubert de Carvalho aceitou a sugestão e, segundo Cardoso (2015), Rui Carneiro lhe descreveu a lenda que o povo da sua terra contava por todos os lados desde o marcante final da década de 1970 do século XIX. Arruda; Bertola (1998) acrescentam que o assunto era manchete em todos os jornais da época. Conforme a revista *Tradição*, Joubert de Carvalho ia buscando inspiração para sua nova composição, como se percebe nos relatos a seguir:

- Enquanto Rui falava, Joubert ia se inspirando em imagens da seca:
- Vi perfeitamente o drama da cabocla saindo naquela leva, deixando o caboclo. Era uma Maria. Falei com Rui:
 - Diga-me uma coisa: onde é que nasceu o ministro José Américo?
 - Nasceu em Areias.
- Joubert achou que Areias não dava boa rima. Voltou-se para Rui:
- E você, onde nasceu?
 - Nasci em Pombal.
 - E onde a seca foi mais rigorosa?
- Rui citou vários lugares, entre eles o município de Ingá. Joubert disse:

- Então é a Maria do Ingá.
Em seguida, ali mesmo, na presença de Rui Carneiro, a música foi feita (FREGADOLLI, 1989. p, 28).

A partir desse relato, percebe-se que, na lenda, originalmente, a personagem principal não tem nome, ela era apenas tratada como uma cabocla, e também a sua cidade natal não é revelada, apenas a região, no agreste paraibano. Quem lhe deu o nome de “Maria” foi Joubert de Carvalho, o termo “do Ingá” vem da cidade na qual o compositor, no momento da criação da música, achou que caía bem para a história. Arruda; Bertola (1998) afirmam que, de início, Maria do Ingá não soava bem musicalmente, e se surpreendeu (quem se surpreendeu?) quando notou que a contração ‘Maringá’ era mais adequada para a música. Guercio (1972) explica que a modificação do título proporcionou melodia mais suave para a “menina Maringá”. A letra da música é bem característica, com versos poéticos e nostálgicos, a música tem melodia suave e isso é marca de Joubert de Carvalho que fez sucesso entre os imigrantes nordestinos que colonizavam a nova cidade. A composição da letra, que tem no título o nome da cidade de “Maringá”, é a seguinte:

Foi numa leva/ que a cabocla Maringá/ ficou sendo a retirante/ que mais dava o que falar/. E junto dela/ veio alguém que suplicou/ pra que nunca se esquecesse/ de um caboclo que ficou/. Maringá, Maringá,/ depois que tu partiste/ tudo aqui ficou tão triste/ que eu garrei a imaginar/. Maringá, Maringá,/ para haver felicidade/ é preciso que a saudade/ vá bater noutra lugar./ Maringá, Maringá,/ volta aqui pro meu sertão/ pra de novo o coração/ de um caboclo assossegar./ Antigamente uma alegria sem igual/ dominava aquela gente/ da cidade de Pombal./ Mas veio a seca,/ toda chuva foi-se embora/ só restando então as águas/ dos meus olhos quando choro// (SANCHES, 2002, p. 18).

De acordo com a revista *Tradição* (FREGADOLLI, 1989), a música foi gravada no ano de 1932 por Gastão Formenti e logo se tornou um grande sucesso. A intenção de Joubert de Carvalho de compor a música era para agradar o ministro, pois tinha em vista um emprego como médico no Instituto dos Marítimos. E deu certo, no ano seguinte, 1933, ele foi nomeado médico desse instituto, onde fez sua carreira na área da medicina. A revista *Tradição* (FREGADOLLI, 1989. p, 28) relata que “foi chefe de clínica médica, chefe dos ambulatórios, chefe das relações públicas, até chegar diretor do hospital. Depois se aposentou pelo Instituto”.

A canção marcou época no Brasil e também na carreira de Joubert de Carvalho. No entanto vale ressaltar que a música não foi composta, especialmente, para dar o nome à cidade. Joubert de Carvalho a compôs no ano de 1931, e, segundo Sanches (2002), somente no ano de 1947 foi que nasceu, oficialmente, o nome da cidade.

De acordo com Guercio (1972), a canção “Maringá” era cantada em todos os pontos do território nacional, principalmente pelos caboclos nordestinos enquanto derrubavam as matas que dariam lugar à nova cidade que ainda não tinha nome. Guercio (1972) afirma ainda que os imigrantes nordestinos eram fascinados pela música e pelos encantamentos da nova terra e, dessa forma, elegeram o nome da cidade que nascia. Como consta no relato da revista *Tradição*:

Homens vestidos de fibra de modernos bandeirantes penetravam o sertão norte-paranaense, derrubando matas, afastando troncos e planejando cidades. Corria a década de 1940/50. Descortinava-se uma nova civilização no miolo da selva bruta. Caboclos em sua maioria vindos do Norte e Nordeste, enquanto derrubavam as perobeiras e arrastavam cadáveres de árvores seculares, cantavam, com a saudade sintonizada em sua terra longínqua e seca, os versos de Joubert (FREGADOLLI, 1989. p, 29).

Ainda, a revista *Tradição* (FREGADOLLI, 1989. p, 29) destaca como aconteceu a escolha do nome da cidade: “na época em que a Companhia Melhoramentos abriam a floresta aqui para a fundação de uma nova cidade, os peões cantavam muito a canção de Joubert. A esposa de um dos diretores da Companhia fascinou-se com a música e propôs que a cidade recebesse o nome de ‘Maringá’, isto no início dos anos 40”.

Nesse sentido, Sanches (2002) completa, com mais detalhes, o que ocorreu no momento da escolha do nome da cidade:

Foi nesta época que se reuniram os diretores da Companhia de Terras Norte do Paraná, hoje Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, numa barraca coberta de lona, para escolher o nome que seria dado à nova cidade. Elizabeth Thomas, esposa do Presidente da Companhia, Henry Thomas, lembrou: ‘porque não damos o nome da mais bela canção brasileira, Maringá?’ A sugestão foi acolhida com palmas. E em 10 de maio de 1947 nasceu oficialmente Maringá (SANCHES, 2002, p.16).

Nesse mesmo sentido, Hilário (1995) também afirma que o crédito à escolha do nome Maringá é de D. Elisabeth Thomas. O autor relata que “consta que Elisabeth, ouvindo os peões nordestinos cantarem a referida melodia, sugeriu a denominação em homenagem àqueles desbravadores. A sugestão teria aprovação da diretoria da colonizadora e assim, com o nome Maringá, foi batizada a cidade” (HILÁRIO, 1995, p.307 e 308).

Por outro lado, Luz (1997) observa que quase uma década antes do ocorrido citado no parágrafo anterior, no ano de 1938 já existia a gleba Patrimônio Maringá onde a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná já vendia lotes, ou seja, nas palavras da autora, antes de os diretores da companhia definirem oficialmente qual o nome da cidade, já existia um ponto que levava o nome de Maringá no mapa da companhia.

Quanto à gleba Patrimônio Maringá, que circunda o núcleo urbano principal, teve suas vendas iniciadas ainda em 1938; contudo, somente no ano do lançamento da pedra fundamental da cidade de Maringá, em 1947, e no seguinte, as vendas se avolumaram, perfazendo nesses dois anos um total de 357 lotes vendidos [...]. Desde 1938 a colonizadora vendia lotes nas glebas que circundariam Maringá. Conforme os livros de registros de vendas, até 1942 a Companhia já efetuara 496 transações imobiliárias, representando 12,2% das propriedades rurais da área que posteriormente corresponderia ao Município de Maringá (LUZ, 1997, p. 57 e 60).

A partir desse relato, percebe-se que existe um conflito de informações quanto à origem do nome da cidade, talvez isso aconteça porque muitos autores não se preocupam em realizar uma pesquisa mais profunda, analisando documentos para escrever os livros que contam a história da cidade. No entanto, como a música foi composta no ano de 1931 e, mais tarde, 1938, há indícios, a partir do trecho citado no parágrafo anterior, de que já existia o nome de Maringá para a região que é hoje a cidade, isso indica que o nome já definido pode ser também em virtude da música de Joubert de Carvalho.

Guercio (1972, p. 16) explica que a personagem “Maria do Ingá”, a qual aparece na música de Joubert de Carvalho, virou Maringá, é um “símbolo para homenagear todas as retirantes nordestinas que partiram para bem longe, deixando inconsolável o coração de seus amados que a dor imensa da saudade não deixava sossegar”.

A letra da música, na época, fazia sentido com a história que os caboclos pioneiros estavam construindo e com a história que tinham deixado para trás. Guercio (1972, p. 16) explica que no primeiro trecho da música “foi numa leva que a cabocla...” a frase tinha a ver com o modo de se referir aos nordestinos retirantes. “Era comum dizer-se – e isso ainda é usado até hoje – que as caravanas dos nossos infelizes e desiludidos irmãos do nordeste brasileiro compunham ‘levas de retirantes’ que demandavam os rumos do sul, fugindo à inclemência das secas terríveis”.

Levando-se em conta que não foram só homens retirantes da seca nordestina, mas, igualmente mulheres, no último trecho “[..]) mas veio a seca, toda chuva foi-se embora só restando então as águas dos meus olhos quando chora [...]”, de acordo com Guercio (1972, p. 16), faz alusão às caboclas catingueiras, representadas por Maria do Ingá. “Partiram [de suas terras nordestinas] sem olhar para trás [...] calafetaram os ouvidos para não escutar o cântico das sereias e não saltarem dos ‘paus-de-arara’, voltando a correr para sossegar o coração do caboclo que ficou [...]”.

Vale destacar que, em Maringá, existe uma rua importante na cidade que leva o nome de Joubert de Carvalho. De acordo com a revista *Tradição* (1989, p. 28), a rua ganhou esse nome há mais de 50 anos, exatamente no dia 21 de abril de 1959, onde era situada a antiga rua Bandeirantes. Segundo a revista, a ideia de dar o nome do compositor a uma rua partiu do jornalista Antônio Augusto de Assis, mais conhecido como A. A. de Assis, num artigo publicado pela revista “NP” [Norte do Paraná], em setembro de 1958. A ideia ganhou apoio de outros jornalistas, como Manuel Tavares, de “A tribuna do Paraná”, e Ivens Lagoano Pacheco, de “O jornal de Maringá”. Alceu Haure, que era vereador na época, fez o projeto que foi aprovado por unanimidade pela Câmara Municipal e sancionado pelo prefeito da época, Américo Dias Ferraz.

Está descrito ainda na revista *Tradição* (1989) como foi a chegada de Joubert de Carvalho para a inauguração da rua que leva o seu nome:

No dia 20 de abril de 1959 Joubert de Carvalho desembarcou em Maringá, juntamente com familiares e um grupo de amigos que lotaram um avião da Vasp. Entre os amigos, o escritor Raimundo Magalhães Júnior e o poeta Jansen Filho. Todas as autoridades locais e o grande público estavam no aeroporto, acompanhando o compositor até o Grande Hotel (hoje Hotel Bandeirantes) (FREGADOLLI, 1989, p. 28).

Tradição (1989) destaca ainda que o compositor veio outras vezes a Maringá e por aqui fez amigos, em especial o jornalista Antônio Augusto de Assis e Aristeu Brandespin, dono da revista NP, na qual Antônio Augusto Assis trabalhava. E se percebe, no trecho a seguir, a intimidade dessa amizade:

No início de 1972, Antônio Augusto de Assis e Aristeu Brandespin visitaram Joubert em seu apartamento em Copacabana e viram na estante do compositor um busto dele, esculpido por um artista amigo com intenção de que o busto fosse instalado em Uberaba, terra natal do grande mestre. [...] A muito custo Assis e Brandespin convenceram-no a permitir a vinda do busto para Maringá, alegando que aqui a homenagem seria mais significativa, uma vez que a cidade estava ligada a ele, espiritualmente. O prefeito da época, Adriano Valente, entusiasmou-se com a ideia e tomou todas as providências necessárias. E em setembro de 1972 Joubert veio mais uma vez a Maringá para a inauguração do busto na rua que tem o seu nome, no trecho em que atravessa a Praça Raposo Tavares (FREGADOLLI, 1989, p. 28-29).

O busto de Joubert de Carvalho ainda está no mesmo lugar onde foi inaugurado, na praça Raposo Tavares, que hoje é bastante movimentada por pessoas comuns. No entanto poucas sabem sequer quem é o homenageado e qual a sua importância na história da cidade. Isso, talvez, prova a falta de informação e de interesse da comunidade em saber a história da cidade em que vive.

3 NO CONTEXTO DA LENDA SOBRE MARIA DO INGÁ

Neste momento, o que se pretende é contextualizar a lenda Maria do Ingá no contexto da folkcomunicação. Para tanto, é necessário compreender primeiramente o que é uma lenda e como ela se constitui. De acordo com Cascudo (1978), a lenda é objeto do folclore, uma narrativa popular, fruto da imaginação de quem a criou e que passa de geração para geração, e o povo, por meio das suas lendas, conta a sua história. O autor afirma que o folclore se afasta da contemporaneidade; falta-lhe tempo, ou seja, vem sendo contado ou vivido por meio dos tempos. Para Brandão (2006), o folclore é sempre uma fala, uma linguagem que o uso torna coletiva.

Em lendas, seu personagem principal pode ser uma pessoa, seres sobrenaturais e outros elementos, pois para a imaginação não há limites, e, como

todo tipo de folclore, são pessoais. Isso significa que o criador é anônimo, não existe registro do autor e data, também não pode ser comprovada cientificamente (o quê?), no entanto “a sua reprodução ao longo do tempo tende a ser coletivizada, e a autoria cai no chamado ‘domínio público’” (BRANDÃO, 2006, p. 34).

No caso específico da lenda Maria do Ingá, a personagem é uma pessoa, uma moça muito bonita, de acordo com Arruda; Bertola (1998), Guercio (1972), Hilário (1995, 1997) e Sanches (2002). Não há registro do autor da lenda, como é característico dos elementos folclóricos. Existe apenas a identificação da cidade de onde a cabocla saiu, Ingá, no Estado da Paraíba. Já no caso da música “Maringá”, de Joubert de Carvalho, existem o registro do compositor, data e até na letra informações como a contextualização da época, condições climáticas da região especificada, o Nordeste. Brandão (2006, p. 34) explica que as músicas eruditas e populares “eternizam o nome de seus autores e o que ‘todo mundo canta’ é de alguém que ‘todo mundo sabe’”. O autor explica que, “[...] ainda que durante algum tempo os autores possam ser conhecidos [...] como o tempo e a memória oral, que é o caminho por onde flui o saber do folclore, esqueceu teorias modificou elementos de origens e retraduziu tudo com um conhecimento coletivo popular” (BRANDÃO, 2006, p. 34).

Um fato interessante na lenda Maria do Ingá é que a sua origem é de muito longe da cidade de Maringá. Vem do Nordeste brasileiro e aqui ganhou popularidade por meio de seus imigrantes que ajudaram a construir a nova cidade que surgiu na época, e até a inspiração para o nome da mesma. Isso aconteceu pelo fato de a música ter se destacado em território nacional, além de já ter virado um produto comercial. De acordo com Guercio (1972), na época em que os imigrantes nordestinos derrubavam as matas para construir a nova cidade, a música “Maringá” já era cantada em todo o território nacional. Brandão (2006, p. 45-46) explica que um objeto folclórico passa de “boca em boca, de mão em mão” por ser, consensualmente, aceito pela coletividade, e determinados tipos de produto cultural interessam à indústria por seu valor comercial.

A lenda Maria do Ingá se relaciona com a folkcomunicação, especialmente, por ser um objeto do folclore e, por isso, também da própria teoria. Por meio dessa lenda, que teve sua origem numa classe popular, entre os sertanejos nordestinos,

houve uma interação com a classe média, pois Joubert de Carvalho foi um letrado médico, e, com a comunicação de massa, a lenda foi contada nos versos da música “Maringá”, sendo gravada e ganhando espaço em várias mídias como rádio, televisão, jornais e revistas (MARTÍN-BARBERO, 2000).

A lenda serve de veículo informativo da classe popular para a classe erudita e, finalmente, para os meios de comunicação de massa. Por meio da lenda e de versos da música é possível saber como viviam os sertanejos castigados pela seca “[...] mas veio a seca, toda chuva foi-se embora [...]”. Essa é uma característica dinâmica e Megale (2003) afirma que por meio da oralidade é possível saber, entre outras coisas, como viviam os antepassados.

Outro fato interessante da lenda é como a cabocla Maria do Ingá deixa a música e começa a fazer parte do imaginário de muitas pessoas da comunidade que acreditam que a figura fictícia da música e da lenda realmente existiu. Lopes (1990, p. 55) afirma que as manifestações da cultura popular e do folclore são determinadas não pela sua origem e, sim, por suas práticas.

Teoricamente é difícil afirmar quando a intersecção do imaginário com o real acontece, em que momento da história a personagem adquire ares de realidade dentro da cabeça das pessoas que acreditam que Maria do Ingá de fato existiu. Talvez a parte poética e lírica da lenda e da música seja a fronteira do imaginário com o real. Isso porque é difícil as pessoas aceitarem que alguém, Joubert de Carvalho, criasse uma música baseada numa lenda. Quando existe a interpenetração do imaginário com o real, as ações dos indivíduos acabam se pautando em cima da crença que as cerca.

A personagem da lenda, a cabocla Maria do Ingá, de fato não existiu. Trata-se do imaginário maringaense como uma epopeia da história da origem do nome da cidade.

Assim, pode-se entender como a lenda Maria do Ingá funciona como parte do folclore e folkcomunicação. Dessa forma foi possível entender que qualquer manifestação da cultura popular não serve apenas para contar histórias, seu sentido é mais amplo e profundo, pois abrange a cultura e identidade de um povo, formas e veículos de comunicação destes, e como tudo isso pode influenciar a vida e a história de quem está direta ou indiretamente ligado a tudo isso. A lenda Maria

do Ingá está inserida indiretamente na história e no nome da cidade de Maringá. Pesquisar a origem da lenda e da música permitiu entender que, por meio desse intercâmbio de informações, existe a própria história de um povo e não apenas a sobrevivência do passado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi descrever como a lenda Maria do Ingá faz parte da história da cidade de Maringá como memória no imaginário do maringaense, uma vez que a lenda se caracteriza como objeto do folclore e, em consequência disso, torna-se um meio folkcomunicativo.

A pesquisa desse tema permitiu aprofundar o conhecimento em folkcomunicação e folclore, áreas que são, muitas vezes, consideradas marginalizadas. Isso porque, além de tudo se originar de uma lenda que não faz parte do contexto local, o fato de se basear num objeto folclórico faz com que muitos considerem que não tem importância nas suas vidas.

De fato, conhecer a origem do nome da cidade em que se vive pode não mudar a vida de ninguém, mas levar uma questão como essa em consideração permite que um povo crie identidade ou um vínculo com o lugar onde vive.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, C. M.; BERTOLA, R. **Maringá: esta história é nossa**. Maringá: Farroupilha, 1998.

BRANDÃO, C. R. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 2006. 110p. (Coleção Primeiros Passos, nº 60).

CARDOSO, J. R. A. De Maria do Ingá a Maringá: a cabocla paraibana que deu o nome a uma cidade do Paraná. **Jornal O Mossoroense**. Fundação Vingt Rosado. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/omossoroense/170503/artigos.htm>>. Acesso em: 07 jun. 2016.

CASCUDO, L. C. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, Instituto Nacional do livro, 1978. 452p.

FERREIRA, A. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREGADOLLI, J. **Há trinta anos Joubert de Carvalho é nome de rua em Maringá**. Maringá: Tradição, 1989. (Ano 09, nº 91, maio, p. 28-29).

GUERCIO, L. D. **Maringá Ilustrada**. edição comemorativa do jubileu de prata. Maringá: [s.n.], 1972. p. 16-17.

HILÁRIO, J. **Maria do Ingá: amargo sabor de mel na colonização do Paraná**. Maringá: Ideal, 1995.

HILÁRIO, J. **Maringá: jubileu de ouro**. Maringá: Marketing, 1997.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico**. São Paulo: Loyola, 1990. 148p.

LUZ, F. **O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá**. Maringá: A Prefeitura, 1997, 215p.

MARTÍN-BARBERO, J.; BARCELOS, C. Diálogos midiológicos 06. **Comunicação e Mediações Culturais**, v. 23, n. 1, jan./ jun. 2000. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/2010/1788>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

MEGALE, N. B. **Folclore brasileiro**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 274p.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Abrasco-Hucitec, 1996. 269p.

SANCHES, A. **Maringá: sua história e sua gente**. Maringá: Massoni, 2002.

TERCEIRO NETO, D. A Cidade que nasceu de uma canção. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP)**, João Pessoa, nº 42, ano C, , p. 41-43,

fev. 2012. Disponível em: <http://www.ihgp.net/revistas/revista_do_ihgp42.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995. 175p.

Recebido em: 07 de outubro de 2015

Aceito em: 18 de junho de 2016